

KIDO GUERRA

Eleição - Residência
Segurem os bolsos

Luiz Inácio Lula da Silva bem que tenta alertar os eleitores brasileiros sobre o futuro negro que nos espera depois de abertas as urnas do dia 4 de outubro.

Lula esperneia e esbraveja, mas em vão. Falta, hoje, ao candidato do PT a credibilidade perdida nas eleições de 94, quando o Plano Real foi denunciado como eleitorado de forma desastrosa pelo partido.

Quatro anos depois, com inflação baixa e a ilusão de que o real é uma moeda forte, o eleitor quer a manutenção dessas duas conquistas. E a maioria, segundo pesquisa quantitativa feita pelo instituto Vox Populi, não acredita que Lula seja o nome ideal para dar continuidade ao Plano Real e assegurar a inflação baixa. Além disso, o alerta do candidato acaba tendo conotação eleitoral, assim como as críticas feitas ao Real, em 94.

Lula, porém, não está mentindo. O que vem depois de 4 de outubro é chumbo grosso. O governo vai lançar um pacote de medidas extremamente impopulares em nome da manutenção da estabilidade econômica, ameaçada pela crise financeira internacional, cujos efei-

tos já vêm sendo sentidos no Brasil há várias semanas.

O pacote do governo, assim como aconteceu no final do ano passado, com a eclosão da crise asiática, estará centrado mais uma vez na redução de gastos e do endividamento público.

Qualquer dona-de-casa sabe que não pode gastar mais do que tem, assim como não podemos entrar todo mês no cheque especial e comprometer nossos salários com compras feitas pelo cartão de crédito. Chega um momento em que a casa cai.

Os governos brasileiros são mestres em gastar mais do que arrecadam e a fórmula para reduzir o déficit acaba sendo a mesma de sempre: aumento de impostos, criação de taxas como a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, a CPMF, que tende a ser permanente. As medidas sempre acabam pesando sobre o contribuinte, sobre o consumidor, e quase nunca sobre os responsáveis pelo descontrole das contas públicas.

Um eventual governo do PT, face à atual realidade, também teria que adotar medidas rigorosas, como as que fatalmente virão por aí e

levarão o país a uma brutal recessão no ano que vem.

Em novembro de 1986, quando o Plano Cruzado já fazia água e o congelamento de preços não era mais sustentável, o governo empurrou a crise com a barriga e os aliados do então presidente José Sarney deram um banho nas urnas. Logo depois das eleições, o governo anuncia o fim do congelamento e uma série de medidas adotadas exatamente para conter o déficit público, mas que novamente se resumiram a uma sangria no bolso do contribuinte e do consumidor.

O filme parece se repetir agora. Fernando Henrique Cardoso deverá ser facilmente reeleito, graças à aparente estabilidade econômica do país. Para evitar qualquer turbulência até 4 de outubro, o governo tentou tapar o sol com a peneira, procurando esconder do eleitor não só a dimensão da crise, mas também os remédios que adotará para enfrentá-la a partir do dia 5.

Ontem, porém, Fernando Henrique deu indícios de que Lula está certo quando alerta a população e o eleitorado sobre o que acontecerá depois das eleições. E salve-se quem puder.